

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do BrasilClass.: Índios / DesaldeadosData: 19/08/94Pg.: IDSR0065

O reencontro de um txukarramãe com suas raízes

■ Carlos Alberto agora é Kaka Werá e conta em livro a cultura dos ancestrais

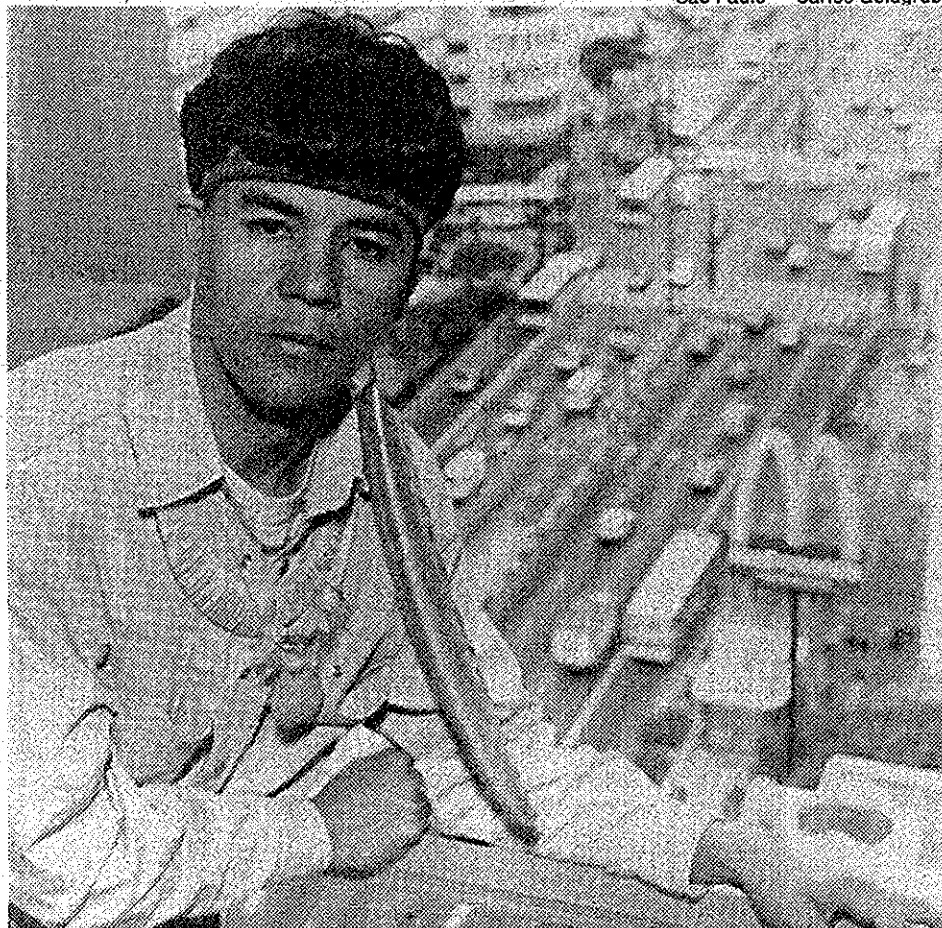
JOSÉ MARIA MAYRINK

SÃO PAULO — A carteira de identidade de Carlos Alberto dos Santos, que foi registrado com esse nome para estudar na Escola Manuel Borba Gato — bandeirante e matador de índios —, é só uma formalidade. Nascido de pais txukarramãe, mas criado na aldeia guarani de Krukutu, a 60 quilômetros do Centro de São Paulo, Carlos vivia dividido entre as lembranças da tribo natal e os encantos da cidade grande. Um dia, ele decidiu romper as algemas do passado e mergulhar nos sertões de Minas Gerais em busca de suas raízes. Conseguiu e, com isso, sua vida mudou.

“Eu sou Kaka Werá Jecupé, um txukarramãe que percorre o caminho do Sol, de acordo com a pintura do urucum escrita nesse corpo que guarda a história milenar do nosso povo”, apresenta-se ele nas primeiras páginas do livro *Todas as vezes que dissemos adeus*, um emocionante relato de sua trajetória — das aventuras infantis nas margens da poluída represa de Billings à recente aliança, incontáveis luas depois, com os que lutam em defesa dos direitos do homem, os “pajés brancos”, como ele chama o cardeal Paulo Evaristo Arns e rabino Henry Sobel.

Kaka Werá escreveu o livro para cumprir uma tarefa. “Os tamã (ancestrais) deram-me a incumbência de contar essa trajetória e de revelar alguns mistérios da tradição milenar ensinada pelos antigos, os que aqui habitavam desde sempre”, diz o txukarramãe. “Comi de vosso cérebro e, agora, como manda a tradição, ofereço o meu espírito”, explica, dizendo-se feliz porque pode dar agora uma retribuição, transmitindo à metrópole a cultura de seu povo.

Tradição e memória — Kaka Werá recebeu esse nome numa cerimônia guarani e mais tarde o confirmou no



Kaka Werá saiu de São Paulo e recuperou a identidade índia no sertão de Minas

ritual txukarramãe, como previam os feiticeiros, ao final de uma longa caminhada para recuperar a memória de sua tribo. “Quando eu era música na barriga de minha mãe, a nossa aldeia foi atacada”, lembra o índio, remexendo as vagas informações que os pais lhe foram confiando, ao longo dos anos, sobre a fuga de Minas Gerais. Kaka Werá não imaginava mais reencontrar sobreviventes de seu povo, mas um dia, três anos atrás, a esperança renasceu.

“Uns mineiros do bairro do Tucuruvi me falaram de indígenas que viviam perto do Rio São Francisco e assim eu localizei em Campo Redondo, em 1992, a minha

tia-avó mestiça Virgulina, que continua morando na região e me deu notícias de Meirê-Mekrangnotire, a avó colibri que voa contando as últimas sílabas da memória de nossa aldeia”. Meirê tinha se refugiado junto aos guaranis do Espírito Santo e apareceu, algumas semanas depois, em Campo Redondo, para encontrar o neto. Virgulina, que fazia trabalhos de macumba misturando ritos afros e indígenas, avisou que a avó ia voltar.

O reencontro marcou a iniciação de Kaka Werá na tradição txukarramãe. “Minha avó me fez cortar o cabelo para o renascimento, me enterrou no barro até a cabeça para a confirmação e pintou no

meu corpo com urucum os símbolos de minha nação”, conta o índio, revelando detalhes que não constam do livro. “A Terra é um ser vivo, é a nossa mãe e, às vezes, o nosso pai” — assim a Meirê se despediu do neto no Norte de Minas, recomendando-lhe que retornasse à cidade para mostrar, com palavras e danças, as tradições de seu povo.

Em busca da alma — Como os índios da tribo txukarramãe, que viviam na região do Rio Araguaia e emigraram para o Pará com o nome de caipó, foram parar nas margens do São Francisco, onde sua última aldeia foi destruída quase 30 anos atrás? Esse mistério, que sempre intrigou Kaka Werá, não surpreende Cláudio Villas Boas, o sertanista que, com seu irmão Orlando, ajudou os txukarramães a se fixarem junto ao Rio da Liberdade, perto do Parque do Xingu, para escapar à ameaça dos brancos.

“O txukarramãe preza suas raízes, mas é também muito andeço”, esclarece Cláudio. O sertanista, que passou entre os indígenas 42 dos seus 79 anos de vida, não estranha que Kaka Werá tenha saído obstinadamente em busca de suas origens, depois de viver tanto tempo numa aldeia guarani, nos arredores de uma metrópole. “O índio pode morar décadas numa cidade, mas não abre mão de seus padrões naturais”, explica. A frustração leva ao desespero aqueles que não conseguem recuperar os valores perdidos. Só esse desencanto, imagina Villas Boas, é capaz de explicar, por exemplo, o gesto dos jovens caiwaás que cometeram suicídio coletivo em Campo Grande (RS).

Kaka Werá vai passar uns tempos com os parentes, mais de 800, no Xingu, mas não pretende abandonar os guaranis de São Paulo. “Quero continuar entre a aldeia e a cidade”, anuncia o índio, que agora exhibe pelas ruas o seu novo visual — pena de arara na cabeça, colares de conchas e sementes e, no ombro, seu maior orgulho: uma bolsa de palha que a avó Meirê lhe deu de presente.

São Paulo — Carlos Goldgrub